

Violência contra a mulher em jornais amazônicos

Análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021*

DANIELE SILVA LIMA

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal do Maranhão
danielesilvalima15@gmail.com
ORCID: /0000-0003-3943-4116*

GABRIELA ALMEIDA SILVA

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Universidade Federal de Minas Gerais
gabrielalmeida.gc@gmail.com
ORCID: /0000-0003-2066-4499*

CAMILLA QUESADA TAVARES

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Grupo de pesquisa Comunicação, Política e Sociedade
Universidade Federal do Maranhão
camilla.tavares8@gmail.com
ORCID: /0000-0001-5490-6850*

WYLDIANY OLIVEIRA DOS SANTOS

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Federal do Maranhão
wyldiany.oliveira@gmail.com
ORCID: /0000-0001-7832-4783*



região da Amazônia Legal é composta por nove estados brasileiros¹ situados nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, dentre os quais apresentam índices elevados de violência contra a mulher. Apesar de o relatório “Violência Contra a Mulher - 2021”, publicado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública², indicar um recuo sensível nos registros de feminicídio em 2021, alguns estados, sobretudo das regiões Norte e Centro-Oeste, registraram taxas de feminicídio maiores à média nacional, como Tocantins, Acre, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Além disso, os casos de estupro e estupro de vulnerável aumentaram, de modo geral³. Outro ponto a se destacar é que a maioria das mulheres assassinadas são negras e grande parte dos homicídios registrados pela Polícia Civil são definidos como feminicídio, segundo dados do Atlas da Violência e da Pesquisa DataSenado (2021)⁴.

Mas, será que esses casos ganham repercussão midiática? E, quando ganham, de que maneira a violência contra a mulher é noticiada? Estudos recentes mostram que o Jornalismo é a subárea que mais se dedica a pesquisar a relação entre Comunicação e Gênero (Tavares *et al*, 2021), mas observa-se que esses trabalhos ainda estão muito centrados no contexto das regiões Sul e Sudeste (Massuchin, Tavares & Silva, 2020). Deste modo, a presente pesquisa ganha força por oferecer dados sobre a cobertura jornalística realizada em

**Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :**

Daniele Silva Lima, Gabriela Almeida Silva, Camilla Quesada Tavares, Wyldiany Oliveira dos Santos, « Violência contra a mulher em jornais amazônicos : Análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021 », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 12, n°1 - 2023, 15 juin - june 15 - 15 de junho.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.528>



outras regiões brasileiras tidas como marginais, sobre um tema latente no mundo social e que deveria ganhar visibilidade a partir da produção jornalística.

Outra frente que corrobora com a importância deste estudo é que se constatou, por meio de um mapeamento⁵ realizado pelas autoras, a escassez de pesquisas que investigassem a cobertura sobre violência contra mulher realizada p jornais no recorte proposto por este estudo. Desta forma, em uma breve revisão de literatura, destaca-se os três estudos localizados na área da Amazônia Legal a monografia de Silva (2017), a dissertação de Gomes (2018) e o artigo de Miranda e Carvalho (2022). As pesquisas convergem nos resultados, ao constatar uma repetição da violência contra a mulher a partir da construção de uma narrativa também violenta. Principalmente no que se refere a escolha de fontes adotadas, em sua maioria as informações coletadas são de fontes oficiais, provenientes de falas da polícia. O que engessa ainda mais a cobertura, mantendo a narrativa no espaço da violência e pouco contribuindo ao combate (Silva, 2017, Gomes, 2018, Miranda & Carvalho, 2022).

Outra questão é a dificuldade na utilização da terminologia correta, o feminicídio, adotando sinônimo que prejudicam na definição deste tipo de violência. Igualmente, observa-se a adoção de termos e palavras perpetuam ainda mais preconceitos e estereótipos de gêneros. O que demonstra um certo preconceito linguístico por parte dos veículos, mas também reproduzem dispositivos de opressão e intolerância (Gomes, 2018, Miranda & Carvalho, 2022).

As pesquisas também retomam a responsabilidade social do jornalismo como a justificava para a realização de uma cobertura mais centrada e que não recobre esse tipo de prática. Uma alternativa para alguns autores é a reconstrução do vocabulário adotado, de maneira que permita a construção e conscientização de uma igualdade de gênero (Gomes, 2018, Miranda & Carvalho, 2022)

Para responder os questionamentos levantados, o artigo tem por objetivo identificar os enquadramentos empregados nesse tipo de notícia, no intuito de indicar, inicialmente, como o tema é abordado pelos veículos de comunicação. Nesse sentido, serão analisadas 96 matérias publicadas em 2021 sobre violência contra a mulher nos portais *A Crítica* (Manaus-AM), *Diário de Cuiabá* (Cuiabá-MT) e *Diário Online* (Belém-PA), das três capitais que se encontram nos três maiores estados da Amazônia Legal. A pesquisa se caracteriza como qualitativa e utiliza da Análise de Conteúdo e de Enquadramento como principais ferramentas metodológicas para a compreensão dos dados.

O texto segue dividido da seguinte forma, além desta introdução: o próximo tópico aborda o contexto de pro-

dução jornalística desenvolvido por veículos regionais, como é o caso dos objetos estudados aqui. Em seguida, se pontua uma discussão sobre enquadramento e gênero, além de sua relação mútua. Após isso, as escolhas metodológicas são elencadas, os resultados são apresentados e o trabalho é concluído com as considerações finais.

CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA REGIONAL

Peruzzo (2005) entende a mídia local como aquela que produz informações de proximidade, cumprindo uma importante função social. “O meio de comunicação local tem a possibilidade de mostrar melhor do que qualquer outro a vida em determinadas regiões, municípios, cidades, vilas, bairros, zonas rurais etc.” (Peruzzo, 2005, p. 77). De acordo com ela, é graças à mídia regional que as pessoas conseguem acompanhar as notícias de forma mais direta e confrontar os fatos. Cabral (2006) afirma que a regionalização se tornou uma necessidade na mídia brasileira, já que é por meio disso que as pessoas podem se conectar às suas raízes.

O jornalismo regional pode ser entendido como uma prática que se desenvolve tanto em cidades de grande porte como de médio (Reis, 2018). Além disso, ele é capaz de extrapolar limites territoriais e alcançar até municípios que não possuem meios de comunicação. Por sua heterogeneidade, Pinto (2013) aponta que os sistemas de mídia regionais são subsistemas autônomos que integram o sistema midiático brasileiro. Silva (2021) destaca o jornalismo regional pela sua importância cultural e identitária.

Ademais, Ghizzoni (2013) destaca que a mídia regional possui um grande poder no que se refere à mobilização social, uma vez que pode abordar reivindicações e necessidades sociais das pessoas. A autora indica também que é por meio das notícias regionalizadas que os indivíduos conseguem se sentir parte da comunidade, desenvolver reflexões críticas sobre o mundo ao seu redor e exercer um papel fundamental na construção da realidade.

Sendo assim, os veículos regionais se constituem como espaços primordiais no ecossistema midiático brasileiro e no consumo de informações pela população. Essas notícias são capazes de exercer uma aproximação mais apurada com seu público, provocar mobilizações, chegar a locais com déficit de informação e construir referências identitárias. Ou seja, se é na notícia local que os indivíduos conseguem se ver e ver sua realidade, é importante se perguntar o que eles estão vendo, afinal.

Entretanto, apesar dessa importância no cenário local, alguns problemas fazem parte do dia a dia das re-

dações locais, chegando a se tornar características do jornalismo regional. Peruzzo (2005) destaca alguns, sendo eles: a presença de laços políticos, a grande publicação de *press releases*, falta de ampla cobertura e apuração e reprodução da grande imprensa. Assim, esses constrangimentos observados no cenário regional também podem influenciar no modo como as notícias são produzidas pelos veículos, ou seja, também fazem parte da construção dos enquadramentos, incluindo o da mulher e da violência de gênero.

GÊNERO E NOÇÕES DO ENQUADRAMENTO NO JORNALISMO

Segundo Scott (2019, p. 67), o gênero implica quatro aspectos que são relacionados entre si. O primeiro seria os “símbolos culturalmente disponíveis” na sociedade, ou seja, os símbolos das representações de mulher que existem em cada cultura. O segundo aspecto diz respeito aos “conceitos normativos que colocam em evidência interpretações de sentido”, é dizer, as sociedades promovem interpretações sobre a mulher, e isso acaba por fazer com que outras possibilidades de sentido sejam rejeitadas.

O terceiro aspecto propõe ampliar a noção de gênero para além do sistema de parentesco (ligado ao mundo doméstico e a família). Pois, além disso, o gênero “é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco” (p. 68). Por fim, o quarto e último aspecto é a identidade subjetiva, uma vez que a autora defende que não existe uma resposta única e universal para o gênero, já que essa identidade é construída a partir de “organizações sociais e representações culturais historicamente situadas” (p. 69).

Dentro da conceituação elaborada pela autora, os primeiros dois aspectos são de suma importância para este trabalho. O gênero então é construído e entendido a partir de símbolos disponíveis na sociedade e conceitos normativos que o interpretam e limitam. Ou seja, o aporte cultural de referências e interpretações tanto formam o que se entende pela identidade de gênero como também as limitam.

Sabendo disso, pretende-se aqui pontuar que o jornalismo é também uma fonte de referência para se entender não só o gênero, como a violência de gênero e suas discussões. As construções narrativas que a profissão faz tanto das mulheres, quanto do movimento feminista e das questões de gênero são meios pelos quais a sociedade acessa conhecimento sobre. Nesse sentido, se faz necessário analisar de que forma isso está acontecendo e se há diferença quando se olha para

contextos poucos explorados pela literatura existente. Como é o caso dos veículos da Amazônia Legal, conforme proposto por este trabalho.

À vista disso, existem diversas pesquisas, com as mais variadas ferramentas metodológicas, que se preocupam em lançar luz sobre as questões de gênero na comunicação. Isso porque, como estabelece Sarmiento (2019), os meios de comunicação são peças centrais para se entender as desigualdades de gênero que se estabelecem nas sociedades. Uma das formas de se estudar as representações de gênero nesta instância é por meio do enquadramento.

A conceituação de enquadramento, segundo Soares (2006), surgiu primeiramente na Sociologia e foi trazido para a Comunicação. Nestes estudos, ela é utilizado para “referir-se às propriedades construtivas das representações jornalísticas” (Soares, 2006, p. 3). Ou seja, o conceito permite entender de que forma o jornalismo constrói representações sobre o mundo social.

Ao falar sobre enquadramento, Entman (1993) destaca o poder que existe na comunicação textual. Ao definir o enquadramento, o autor destaca que o conceito, essencialmente, envolve a seleção e a saliência de certos aspectos do assunto. “Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de modo a promover determinada definição de problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito” (Entman, 1993, p. 52 – tradução nossa)⁶.

É importante que se entenda que as notícias envolvem uma complexidade textual: existem seleções, saliências, interpretações, cultura, valores e avaliações morais embriçadas em cada matéria, além de claro, exclusões e omissões. Todos esses elementos juntos são responsáveis pelos enquadramentos dos eventos percebidos pelos jornalistas, que como já foi discutido no tópico anterior, não são atores neutros ao observarem uma realidade.

As saliências percebidas nas notícias provêm de um destaque dado à algum item que é o objeto da comunicação, e ela acontece para que o assunto seja mais significativo, seja mais “noticiável” ou mais memorável (Entman, 1993). Ou seja, isso faz parte da própria lógica de produção diária dos profissionais do jornalismo. Andando junto com a saliência, a omissão possui papel fundamental no enquadramento. A omissão de definições, explicações e recomendações pode ser tão crítica quanto a inclusão ao se pensar na orientação de interpretação da audiência (Entman, 1993).

Dependendo do enquadramento adotado pelos jornais, as pessoas que sofrem violência passam de vítima para culpada. Essa culpabilidade pelo crime é notória principalmente em casos de estupros, onde a aborda-

gem apresentada pelos diversos meios de comunicação contribui e reforça na elaboração deste tipo de discurso (Gatto & Soares, 2018). Por esse motivo, esse trabalho pretende verificar de que forma a violência de gênero está enquadrada nas notícias dos portais amazônicos.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

O intuito deste artigo é verificar que enquadramentos são evidenciados na cobertura noticiosa que diz respeito às matérias sobre violência contra a mulher nos jornais *A Crítica*, *Diário de Cuiabá* e *Diário Online* no ano de 2021. A escolha dos objetos se fundamenta no interesse em investigar veículos localizados nos três maiores estados pertencentes à Amazônia Legal, dado que os estudos em comunicação e gênero ainda se concentram no eixo Sul-Sudeste, sendo ainda o Norte e o Centro-Oeste pouco presentes nas pesquisas (Silva *et al*, 2018). Além disso, os veículos escolhidos para compor o corpus são tradicionais de cada estado e de grande visibilidade, com uma longa trajetória de redação jornalística e que disponibilizam também matérias em portais online.

O recorte temporal escolhido, o ano de 2021, se justifica no intuito de verificar o estado mais recente das notícias e no fato de a cobertura centrada na pandemia causada pelo coronavírus ter diminuído.

A Crítica é um portal sediado em Manaus – AM. O jornal foi fundado em 1949 por Umberto Calderaro Filho e Ritta de Araújo Calderaro, sendo o mais antigo do estado e um dos que possuem a maior circulação na capital (Tomás, 2019). Em Mato Grosso, o portal Diário de Cuiabá tem uma história que se inicia na década de 60, sendo ele também o jornal mais antigo do estado. A primeira publicação do título ocorreu em 24 de dezembro de 1968, o nascimento do jornal se deu a partir do início da modernização da imprensa (Costa, 2018). Em Belém do Pará, se tem o portal Diário Online, também conhecido como DOL. Este título faz parte de um conglomerado de mídia fundado em 1988 (Lucas, 2018). Já o portal foi criado apenas em 2010, com o principal objetivo de publicar notícias em tempo real do Pará e do Brasil (Soares & Sarges, 2016).

A coleta foi realizada de forma automatizada por meio do *Google Sheets* com notícias retiradas do *Google News*. Para a coleta, utilizou-se como palavra-chave o termo “mulher” com um filtro de data para todas as notícias publicadas no último ano, sendo assim, foram selecionadas notícias de 2021. Após a primeira coleta e de posse de um banco de dados com notícias que envolvem a temática, um recorte foi feito apenas com notícias que envolviam violência de gênero. Assim, encontrou-se 59 notícias sobre violência contra a mulher no jornal *A Crítica*; 21 notícias no *Diário de Cuiabá*;

e 16 no *Diário Online*. Assim, um total de 96 matérias jornalísticas foram analisadas neste artigo.

Para cumprir o objetivo da pesquisa, foi realizada uma Análise de Enquadramento, que segundo Soares (2006) é uma metodologia adequada quando se estuda um material jornalístico e se busca investigar vieses na cobertura. Ainda segundo o autor, “trata-se de uma abordagem que salienta o caráter construído da mensagem, revelando a sua retórica implícita, entranhada em textos supostamente objetivos, imparciais e com função meramente referencial” (Soares, 2006, p. 02). A partir dos métodos orientados por essa análise, é possível que um autor consiga realizar interpretações sobre os textos analisados, destacando inclinações e representações midiáticas, por exemplo (Soares, 2006).

De acordo com Porto (2004), se torna necessário para a análise a adoção de categorias sistemáticas e protocolos para a codificação do material. Além disso, o autor pontua que a Análise de Conteúdo (AC) é uma ferramenta adequada de combinação para obter melhores resultados. Por isso, a AC também foi desenvolvida durante esta pesquisa, sendo uma metodologia muito utilizada e conveniente para estudos em comunicação com foco na mensagem, permitindo também uma flexibilidade para a melhor adaptação ao objetivo da pesquisa (Bardin, 2011).

Para além da contribuição de Bardin, esta pesquisa levou em conta os procedimentos indicados no manual de aplicação da Análise de Conteúdo categorial produzido por Sampaio e Lycarião (2021).

Desta forma, um livro de códigos foi construído com variáveis para identificar a presença de fontes⁷, desdobramentos e enquadramentos evidentes. No que se refere às fontes, foram identificadas a quantidade de fontes e tipos usados nas notícias; em desdobramentos, indica-se se a matéria se trata de um fato já anteriormente noticiado pelo veículo. Para o desenvolvimento dos enquadramentos, foram criadas categorias que partiram do que foi proposto por Natansohn e Brito (2019), ao olharem para a cobertura de feminicídio na Folha de S. Paulo, o uso dessa referência para a construção do livro deste trabalho se deu por se tratar de um estudo com tema e objetivos semelhantes. Entretanto, para este estudo, os tipos de enquadramentos foram adaptados a partir de leituras e encontro com o *corpus* usado aqui para melhor compreender os objetos e dados específicos trabalhados aqui.

Sendo assim, os enquadramentos categorizados foram: criminal, legal, estatístico, dramático, conscientização e generificado. Ressalta-se que mais de um enquadramento poderia ser encontrado nas notícias, uma vez que se compreende que os enquadramentos não são estáticos (Soares, 2006) e que mais de um fra-

me pode ser simultaneamente construído durante a redação das matérias (Rothberg, 2010).

Todos esses enquadramentos são importantes para essa pesquisa, uma vez que se pretende verificar se os veículos se preocupam apenas em publicar matérias que noticiam de forma factual o crime de violência (criminal) ou usam disso para narrativas mais sensacionalistas (dramático) ou também procuram falar sobre os direitos da mulher (legal), promover conscientização sobre isso (conscientização) e desenvolver notícias mais aprofundadas, que estejam interessadas em não se abster apenas ao crime, mas em trazer, de alguma forma, uma problematização maior acerca disso (genericado).

A produção do livro de códigos, a coleta teste e a categorização foram realizadas por apenas uma das autoras. O livro de códigos foi testado uma vez, com uma mostra aleatória de 15 das 96 notícias (5 de cada jornal), para verificar a assertividade das variáveis. Depois disso, o livro de códigos passou por alterações⁸ e a categorização final foi desenvolvida.

Os resultados obtidos a partir dos procedimentos metodológicos apontados aqui podem ser vistos no tópico seguinte.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como mencionado anteriormente, a quantidade de dados analisados aqui foi de 96 matérias jornalísticas no total. A Tabela 1 a seguir demonstra os números de cada jornal.

Tabela 1

Publicações sobre violência contra a mulher

Matérias encontradas		
Jornal	N	%
A Crítica	59	61,46
Diário de Cuiabá	21	21,88
Diário Online	16	16,67
Total	96	100

Conforme a tabela, pode-se verificar que o jornal *A Crítica*, de Manaus, foi o que mais publicou sobre esse tema, ficando muito à frente dos outros dois analisados. Enquanto o jornal amazonense publicou 59 notícias, o *Diário de Cuiabá* publicou 21 e o *Diário Online*, de Belém, publicou 16. Parte da explicação para essa diferença será explorada mais profundamente no decorrer do artigo, pois se trata da distinção de perfil editorial dos três jornais analisados.

Outro dado levantado demonstra como prevaleceu uma cobertura sem desdobramentos dos casos, conforme podemos verificar na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2

O tipo de cobertura observada nos jornais

Jornal	Com desdobramento	%	Sem desdobramento	%
A Crítica	10	10,42	49	51,04
Diário de Cuiabá	5	5,21	16	16,67
Diário Online	2	2,08	14	14,58
Total	17	17,71	79	82,29

A partir desses dados percebemos que 79 notícias (82,29% do total) não se tratavam de um desdobramento; apenas 17 (17,71%) delas diziam respeito a atualizações de um fato antes noticiado pelo jornal. Esse resultado sugere que, talvez, não seja uma prática comum das redações retomar notícias, o que pode se dever aos constrangimentos vividos pelos profissionais nas redações regionais, como apontado por Peruzzo (2005).

O próximo dado diz respeito à quantidade de fontes consultadas nas matérias, ainda visando elencar dados que possam ajudar a compreender a qualidade da cobertura sobre violência. A Tabela 3 mostra que no jornal *A Crítica*, foram utilizadas um total de 64 fontes de informação em 59 matérias, ou seja, pelo menos uma fonte foi consultada em cada notícia, em média.

Tabela 3

Quantidade de fontes consultadas nos jornais

Jornal	Número total	Fontes mulheres	% (1)	% (2)
A Crítica	64	44	68,75	61,97
Diário de Cuiabá	5	4	80	5,63
Diário Online	2	2	100	2,82
Total	71	50	70,42	100

O número de mulheres entrevistadas também merece destaque no jornal *A Crítica*, em que 44 mulheres estavam presentes na construção das narrativas, o que representa 68,75% de todas as fontes consultadas. Sendo assim, quando se trata de violência contra a mulher, a voz feminina foi a mais presente neste jornal, o que pode ser explicado pelo fato de instituições e organização para mulheres serem lideradas por elas. Já os outros dois jornais tiveram um uso ínfimo de

fontes. O *Diário de Cuiabá* consultou apenas 5 pessoas em 21 publicações e o *Diário Online* ouviu apenas 2 em 16 publicações, apesar da maioria de mulheres seguir nos dois veículos.

Esses números começam a traçar o perfil de cada um desses jornais quando se trata da cobertura de violência contra mulher e ajudam a apontar, inicialmente, a empenho na qualidade da construção destas notícias. Enquanto se observa que *A Crítica* teve um desempenho melhor, publicando mais notícias e consultando mais fontes, os outros dois jornais mantiveram a publicação de matérias pouco aprofundadas e em maioria sem incluir falas no corpo do texto.

4.1 A Crítica

Como visto no tópico acima, o jornal de Manaus *A Crítica* foi o que mais recorreu a falas de fontes de informação na composição das matérias publicadas. Na tabela abaixo, pode-se observar de forma mais detalhada como foi essa distribuição a partir dos tipos de fontes.

Tabela 4

Tipos de fontes presentes nas matérias em A Crítica

Presença de fontes em matérias		
Tipo	Matérias com presença	%
Oficial	33	63,46
Especialista	7	13,46
Vítima	2	3,85
Acusado	0	0
Familiar	6	11,54
Personagem	4	7,69
Total	52	100

É importante ressaltar que o número disposto na tabela se refere não à quantidade de fontes em cada matéria, mas indica em quantas matérias publicadas pelo jornal tiveram a presença de, pelo menos, um tipo dessas fontes. Sendo assim, pode-se observar que o destaque vai para o uso das fontes oficiais (N=33) e especialistas (N=7), sendo que a presença de fontes oficiais se sobressaiu, estando presentes em 33 notícias. A preferência por fontes oficiais pelos jornalistas já é algo visto na literatura (Schmitz, 2011). Uma das razões para tal se deve a este tipo de fonte possuir mais respaldo diante dos fatos, por representar instituições. No caso desse jornal, uma fonte oficial que apareceu em várias notícias se trata da delegada Débora Mafra, que responde pela Delegacia Especializada em Crimes Contra a Mulher. Ou seja, suas falas foram as mais legitimadas pela narrativa jornalística.

Em 4 matérias publicadas, a delegada foi figura central: “PC-AM esclarece sobre crime de violência psicológica e alerta como vítimas devem proceder”⁹, do dia 31 de julho de 2021; “Delegada da Mulher vê crime em fantasia de goleiro Bruno; homem foi identificado”¹⁰, do dia 2 de novembro de 2021; “É preciso que a mulher nunca perca a autoestima”, diz delegada sobre casos de violência contra a mulher”¹¹, do dia 20 de setembro de 2021; “Delegada alerta sobre casos de importunação sexual”¹², do dia 25 de setembro de 2021. Como destacado nos títulos, a delegada é consultada para alertar sobre crimes de violência e para dar sua opinião enquanto autoridade no assunto. Em uma dessas ocasiões, a delegada falou sobre a autoestima em casos de violência, mas deixa transparecer uma visão romantizada e ainda imbricada em estereótipos da mulher ao dizer que acha bonito ver “uma mulher se reerguer e tornar-se uma excelente mãe e uma excelente filha”. Ou seja, ainda colocando a mulher apenas como figura pertencente ao espaço privado. Este é um dos casos que deixa clara a importância de se verificar que tipos de discursos, mesmo que de fontes oficiais e na maioria mulheres, podem ser legitimados pela prática jornalística.

No que se refere às fontes especialistas, houve pouca presença no total das matérias, aparecendo apenas em sete. Ressalta-se que, destas, duas se tratavam de reproduções da Agência Brasil, agência de notícias brasileira, e uma era da Agência Reuters, agência de notícias britânica. Isso demonstra que há pouca presença de matérias que não só se aprofundem nos temas, mas que também, procurem trazer um recorte regional para as notícias. Por fim, também há seis matérias com a presença de falas de familiares de vítimas, em que eles apenas lamentam os crimes ou dão algum detalhe sobre o caso.

A próxima tabela reúne os resultados obtidos ao se analisar os enquadramentos encontrados na cobertura.

Tabela 5

Enquadramentos encontrados na cobertura do A Crítica

Enquadramentos presentes		
Tipo	N	%
Criminal	29	40,85
Legal	21	29,58
Estatístico	4	5,63
Dramático	3	4,23
Conscientização	7	9,86
Generificado	7	9,86
Total	71	100

Antes de iniciar a análise dos dados, se ressalta que mais de um enquadramento pode ser visto em uma única matéria. No *A Crítica* foram encontrados todos os tipos de enquadramentos previstos no livro de códigos, sendo que o criminal (N=29) e o legal (N=21) foram mais presentes na cobertura.

O enquadramento criminal foi entendido aqui como aquele em que se publicava apenas a ocorrência do crime de violência contra a mulher. Esse tipo de enquadramento possui matérias curtas, com apenas 1 ou 2 fontes sendo ouvidas, prevalecendo uma narrativa sem muita profundidade e de cunho apenas informativo. Além disso, as matérias estavam nas editorias “Cotidiano” ou “Manaus Hoje”, que deixa transparecer que esse tipo de crime já se tornou parte do dia-a-dia da cidade e da redação. O que também chama atenção nesse tipo de enquadramento é a teor dos títulos das notícias, alguns destes podem ser observados no quadro abaixo.

Quadro 1

Alguns títulos usados no enquadramento criminal do jornal A Crítica

Títulos
Homem mata sua família por um passaporte de saúde falso na Alemanha
Mulher é executada enquanto fazia sobancelhas
Em SP, pedreiro é preso após ter estuprado, assassinado e concretado corpo de mulher em uma parede
Mulher decapitada: corpo e cabeça são encontrados em ruas diferentes na zona Norte de Manaus
Corpo nu de mulher é encontrado em porta-malas de carro; suspeito é o marido da vítima
Mulher é assassinada com 18 facadas no bairro Santa Evelvina
Mulher é estuprada e assassinada a pauladas, na manhã desta segunda-feira (2)

Estes são alguns dos exemplos que demonstram que, em muitos casos, a composição dos títulos dos crimes de violência contra a mulher destaca a crueldade pela qual a vítima passou ou algum detalhe que foge do “comum”. Não se pode deixar de pensar que essas escolhas podem servir para atrair cliques de leitores, já que a violência também gera curiosidade, isso fica mais claro quando o jornal publica uma notícia da Alemanha. Em três notícias categorizadas no enquadramento criminal aparece uma foto do corpo da vítima. Uma específica mostra o corpo da mulher em meio ao lixo, ou seja, o recurso visual também ajuda a aumentar o teor violento da narrativa jornalística.

Por fim, outro fator problemático foi identificado em 5 das 29 matérias. Nessas, há a existência de uma narrativa que pode dar a entender que a vítima teve alguma culpa na ocorrência do crime. As matérias abordavam sobre o uso de drogas da vítima, que ela cometia furtos, que era uma prostituta ou que nunca denunciou agressões, por exemplo. Uma dessas matérias trazia o caso de uma idosa evangélica de 58 anos, assassinada por traficantes¹³. No título, o jornal informa que ela era conhecida por “confrontar traficantes”; no corpo da matéria é detalhado que o intuito da idosa era converter essas pessoas em ações da sua igreja. Entretanto, o uso do termo “confronto” denota haver violência dos dois lados e isso pode dar a entender que ela também tinha parcela de culpa - e a notícia não detalha em que consistiria essa atitude de confronto da idosa.

O enquadramento legal é composto por matérias que informam sobre a legislação que trata sobre violência contra a mulher. Neste tipo de enquadramento, seis publicações eram reproduções de agências de notícias, sendo cinco da Agência Brasil e uma da Agência Senado. Em uma dessas matérias, o jornal destacou a importância de uma líder política do Amazonas ser reeleita para a gestão da Secretaria Nacional de Mulheres do PT¹⁴.

O número de matérias encontrado denota um esforço do jornal de divulgar os direitos das mulheres, apesar de ainda haver matérias que não trazem um recorte regional, sendo apenas reproduções de notícias ao nível nacional.

Após o enquadramento legal, os próximos enquadramentos mais encontrados foram o de conscientização e o generificado, cada um com sete presenças na cobertura, sendo que duas matérias possuíam os dois. O enquadramento de conscientização diz respeito às matérias que se propunham a explicar sobre violências para alertar as mulheres e demonstravam a importância de movimentos sociais delas. Houve uma matéria que elucidava sobre o que era violência psicológica, importunação sexual e a pobreza menstrual, por exemplo.

Já as matérias entendidas como enquadramento generificado eram aquelas que apresentam uma sensibilidade maior às questões de gênero, inclusive destacando fontes feministas e movimento das mulheres. Apesar disso, há de se destacar que das sete, três matérias eram reproduções, duas da Agência Brasil e uma da Reuters. O destaque vai para uma matéria do jornal publicada no dia 17 de julho de 2021 com o título “Perigo silencioso em 2021: oito mil casos de violência doméstica contra mulheres em Manaus”. A matéria traz como fontes quatro mulheres, sendo oficiais e especialistas. A notícia, além de destacar os números de violência, explica o que é o feminicídio e suas motivações e destaca fatores sociais ligados a isso. Mesmo

que ainda tenha se identificado poucas matérias que possuem maior profundidade e que se proponham a discutir questões de gênero, o *A Crítica* foi o único dentre os três jornais analisados neste trabalho em que identificamos a presença desse enquadramento. Isso demonstra uma falta latente de matérias que tratem das questões sobre violência contra as mulheres a partir de uma perspectiva de gênero.

Por fim, os enquadramentos menos encontrados foram o estatístico (N=4) e o dramático (N=3). O enquadramento estatístico é composto por matérias que abordam as estatísticas da violência contra a mulher. Duas matérias destacam a violência no cenário da pandemia, em que houve um aumento de casos e a preocupação com a subnotificação. Nesse tipo de enquadramento, percebe-se uma preocupação com a alta dos casos. No que concerne ao enquadramento dramático, este foi visto quando a matéria destacava o lado emocional nos casos de violência. Em uma dessas matérias, de um caso chocante, é usada a fala da vítima como *lead*, recurso que trouxe uma carga emocional maior ao episódio de violência. Além disso, o título também era chamativo pela crueldade do crime: “Fui dopada, estuprada e ninguém fez nada”, afirma vítima de violência obstétrica em Itacoatiara”¹⁵.

Fui dopada e estuprada dentro do hospital de Itacoatiara e ninguém fez nada para me ajudar porque não existe monitoramento. Não fizeram exame de corpo de delito antes alegando que eu estava sob efeito de remédios, sendo que o exame deve ser feito de imediato. Fui acusada de mentir, enquanto ele (agressor) está solto. Me foi negado o direito garantido por lei de ter um acompanhante, o que poderia ter evitado um crime. (A CRÍTICA, 25/11/2021).

O que se observa com a cobertura do *A Crítica* é que há uma prevalência maior de matérias apenas informativas sobre violência contra a mulher, sendo que algumas matérias podem levar a um entendimento de culpabilização das vítimas e legitimação de fala de fonte oficial com um teor estereotipado. Entretanto, existe também um esforço incipiente, pelo menos no recorte proposto, para realizar uma cobertura que divulgue os direitos das mulheres, mesmo que ainda amparada em boa medida pela reprodução de agências de notícias. Para seguir com a análise, o próximo tópico traz os resultados do jornal *Diário de Cuiabá*.

4.2 Diário de Cuiabá

No total, foram encontradas 21 matérias sobre violência contra a mulher no jornal *Diário de Cuiabá*. Na tabela abaixo podemos observar as matérias com presença de fontes de informação.

Tabela 6

Tipos de fontes presentes nas matérias do Diário de Cuiabá

Presença de fontes		
Tipo	Matérias com presença de fontes	%
Oficial	3	60
Especialista	1	20
Vítima	1	20
Acusado	0	0
Familiar	0	0
Personagem	0	0
Total	5	100

Como apontado em números gerais, o *Diário de Cuiabá* usou poucas fontes para compor a cobertura sobre violência: das 21 matérias, apenas cinco delas contavam com alguma fala de fonte de informação. Observa-se que este jornal também teve a presença maior de fontes oficiais, mas diferente do que acontece com o *A Crítica*, aqui a fonte oficial tem uma presença menor na construção das matérias. Assim, de forma geral, as publicações do jornal são curtas, de cunho estritamente informativo e com pouca presença de aprofundamento das pautas, prezando apenas pela divulgação de crimes factualmente. A partir dos dados encontrados sobre os enquadramentos observados, dispostos na tabela abaixo, pode-se ter uma ideia do perfil desse jornal quando restringimos à temática da violência contra a mulher.

Tabela 7

Enquadramentos encontrados na cobertura do Diário de Cuiabá

Enquadramentos presentes		
Tipo	N	%
Criminal	16	69,57
Legal	0	0
Estatístico	1	4,35
Dramático	4	17,39
Conscientização	2	8,70
Generificado	0	0
Total	23	100

Neste jornal, quatro tipos de enquadramentos foram identificados. O destaque mais uma vez se dá para

o enquadramento criminal (N=16), presente em 76% das matérias veiculadas no site. Como apontado acima, a cobertura foi majoritariamente conduzida com matérias pouco aprofundadas e cunho factual. No enquadramento criminal, assim como visto no *A Crítica*, há a composição de títulos que chamam a atenção, como podemos verificar no quadro abaixo:

Quadro 2

Alguns títulos usados no enquadramento criminal do jornal Diário de Cuiabá

Títulos
Marido mata esposa e se suicida na frente do filho de 8 anos
Mulher de 60 anos é estuprada por três haitianos em Cuiabá
Mulher é amarrada e decapitada após suposta abordagem da PM
Idosa de 76 anos é agredida e estuprada dentro de uma igreja

Apesar de não ser o objetivo deste artigo, também chama a atenção o fato do segundo título destacar que a violência foi feita por “haitianos”, mesmo que, na matéria, a vítima afirma não saber que língua os suspeitos estavam falando. A escolha de apontar a nacionalidade, mesmo sem confirmação, contribui, de certa forma, para aumentar o estigma contra imigrantes/refugiados.

Outro ponto curioso nesse tipo de enquadramento no jornal se dá pelo fato de as notícias serem construídas com uma narrativa que detalha como aconteceu o crime, inclusive com uso de adjetivos. Abaixo, tem-se um exemplo de uma publicação que informava sobre a morte de uma mulher transexual¹⁶.

Preocupados com o silêncio de Alexandra, que não fazia contato desde a última sexta-feira (5), seus familiares foram até a casa dela. Os parentes de Alexandra tiveram que arrombar a porta, mas, quando entraram, tiveram uma surpresa macabra. Segundo confirmaram policiais da Delegacia de Homicídio e Proteção à Pessoa (DHPP), a vítima estava com as mãos amarradas com cordas e pode ter sido morta por estrangulamento. (*Diário de Cuiabá*, 08/03/2021).

Esse recurso foi percebido em cinco matérias analisadas, que tratavam sobre crimes violentos. Isso pode ter acontecido como uma forma do jornal destacar a crueldade e demonstrar que ele se coloca contrário a esse tipo de violência.

Esta narrativa pode ter sido pensada para sensibilizar os leitores ou com o intuito de mantê-los interessados na leitura da notícia. Apesar disso, esse tipo de notícia pouco contribui para propor uma discussão sobre o problema. Mesmo que em momentos pontuais o jornal demonstre a preocupação com a violência contra a mulher, pode-se ver na tabela de enquadramentos (Tabela 7) que nenhuma matéria entrou no enquadramento generificado, que demonstra uma sensibilidade às questões de gênero. Também não identificamos publicações no enquadramento legal, ou seja, não houve matérias que tratassem sobre os direitos das mulheres, mesmo que de forma mais superficial. Além disso, apenas uma matéria trazia números estatísticos sobre a violência e em apenas dois casos houveram notícias com algum grau de conscientização.

O trecho deixa transparecer uma visão ainda superficial da violência contra a mulher, apontando que isso acontece porque os homens querem “convencer” ou “reconquistar” pessoas amadas. Tal construção deixa claro que falta um conhecimento maior por parte do/da jornalista e do jornal sobre um fenômeno presente em boa parte da cobertura. Pode haver um interesse no *Diário de Cuiabá* em demonstrar ser contra e se preocupar com o cenário de violência, mas ainda existe, aparentemente, um despreparo dos profissionais ao conduzir a abordagem. Isso pode ser visto também no uso do enquadramento dramático, presente em quatro notícias, onde o jornal apela para a emoção e uso de adjetivos para caracterizar a crueldade dos crimes. Sendo assim, a cobertura do jornal destaca mais a emoção, não se preocupa em divulgar direitos das mulheres, movimentos sociais e de publicar matérias sensíveis ao gênero. O aspecto dramático da cobertura sobre violência contra a mulher também teve destaque no trabalho de Natansohn e Brito (2019) ao estudarem a Folha de S. Paulo, ou seja, o aspecto trágico dos fatos segue tendo destaque nas coberturas de violência.

No próximo tópico, serão analisados os resultados obtidos do jornal *Diário Online*.

4.3 *Diário Online*

O jornal de Belém-PA foi onde menos se encontraram notícias sobre a violência contra a mulher, em 16 publicações ao longo de todo o ano de 2021. Esse jornal possui mais semelhanças com o perfil do *Diário de Cuiabá*. Abaixo encontra-se a tabela sobre o uso de fontes de informação.

Tabela 8

Tipos de fontes presentes nas matérias do Diário Online

Presença de fontes		
Tipo	Matérias com presença	%
Oficial	1	50
Especialista	1	50
Vítima	0	0
Acusado	0	0
Familiar	0	0
Personagem	0	0
Total	2	100

Mais uma vez se observa uma cobertura com raras fontes de informação nos textos jornalísticos. Das 16 matérias analisadas, apenas duas possuíam algum tipo de fonte, sendo uma com fonte oficial e uma com fonte especialista. Ou seja, o jornal paraense também segue o padrão observado nos outros jornais, com notícias mais curtas e factuais, e com pouco aprofundamento, já que nem fontes aparecem com frequência na cobertura dessa temática. Na tabela a seguir, pode-se ver os enquadramentos encontrados na análise.

Tabela 9

Enquadramentos encontrados na cobertura do Diário Online

Enquadramentos presentes		
Tipo	N	%
Criminal	13	81,25
Legal	0	0
Estatístico	0	0
Dramático	2	12,50
Conscientização	1	6,25
Generificado	0	0
Total	16	100

Neste jornal, apenas três tipos de enquadramentos foram identificados. Aqui também o enquadramento criminal se sobressaiu em 13 matérias, equivalente a 81% do total de publicações. Como visto nos outros dois jornais analisados anteriormente, o uso de títulos chamativos também está presente aqui, como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 3

Alguns títulos usados no enquadramento criminal do jornal Diário Online

Títulos
Mulher tem parte do queixo arrancado em tentativa de estupro
Detento em indulto de fim de ano crava faca ex-mulher
Idoso toma Viagra e mata esposa após ela recusar sexo
Com bebê no colo, homem agride ex-mulher com chutes e socos
Mulher é morta a facadas pelo ex no Curió-Utinga. Veja!

Outro fato interessante observado na composição das notícias são alguns trechos com viés mais opinativo. Estes procuram sensibilizar sobre o cenário de violência, como demonstrado no exemplo a seguir de uma notícia publicada no dia 9 de novembro¹⁷:

Terminar um relacionamento nunca é fácil, seja casamento, namoro, noivado e outras relações. As dificuldades do rompimento envolvem a aceitação do outro, sentimento de rejeição, entre outras coisas que dependem de cada pessoa.

Um dos grandes problemas é quando um dos lados não aceita, gerando a obsessão, sentimento de transtorno, derivado da ansiedade e compulsão. (*Diário Online*, 09/11/2021).

O trecho demonstra que o jornal lamenta o número de casos de violência no país, mas deixa transparecer um conhecimento ainda raso sobre o assunto, reduzindo isso ao término de relacionamentos. Assim como visto no *Diário de Cuiabá*, essa escolha por sensibilizar os leitores acaba apenas em trechos de notícias com foco em crimes pontuais, já que não houveram notícias que explorassem o enquadramento legal, estatístico e generificado. Ademais, duas matérias tinham enquadramento dramático, destacando o lado emocional, e apenas uma se tratava de conscientização.

Nesta notícia, o jornal faz uma crítica ao movimento feminista por utilizar muitos conceitos com palavras em inglês e, assim, empenha-se em tornar mais inteligível o que seria o *gaslighting*. Ou seja, importante para compreender a violência psicológica contra a mulher. Entretanto, essa é uma notícia pontual, assim, o interesse em debater sobre a violência contra a mulher e conscientizar as pessoas está presente de forma irrisória na cobertura do *Diário Online* e ainda acontece rasamente.

A análise descritiva apresentada neste trabalho sugere alguns *insights* sobre como o tema da violência contra a mulher é pautado em jornais amazônicos,

oferecendo elementos para (re)pensarmos a cobertura jornalística. Os principais achados serão discutidos a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise descritiva desenvolvida no trabalho, foi possível constatar que o *A Crítica* é o jornal com maior diversidade de enquadramentos, além de publicar especificamente sobre a ocorrência das violências. Ele também se propunha a veicular notícias que diziam respeito à estatística e à legislação, além de apresentar matérias com proposta de conscientização e, em alguns casos, com uma narrativa jornalística que transparece uma perspectiva de gênero melhor trabalhada. No entanto, ainda se identificam narrativas que podem levar à culpabilização das vítimas. O *Diário de Cuiabá* é um jornal que apresentou muito menos aprofundamento nas notícias e utilizou recursos emocionais na construção da narrativa. Esse perfil é bastante semelhante ao encontrado no *Diário Online*, que mostrou um interesse em sensibilizar leitores e atraí-los para a notícia de forma mais clara, entretanto, se observa que o conhecimento sobre a violência contra a mulher/violência de gênero ainda é raso. A partir dos achados elencados no trabalho, foi possível perceber que o mesmo enquadramento se comporta de formas contrastantes nos três jornais. A utilização desse tipo de análise se torna acertada por demonstrar qualitativamente como esses jornais se comportam quando se fala sobre acontecimentos que envolvem a violência contra a mulher, não apontando apenas semelhanças, mas as diferenças presentes em cada um deles.

Quanto às semelhanças percebidas aqui, foi visto que todos os jornais usaram os títulos das notícias para chamar atenção quanto ao crime, destacando a brutalidade ou o aspecto fora do “comum”. O que se nota é que a crueldade do crime desperta curiosidade e o choque; narrativas mais profundas e desdobramentos dos casos podem ser entendidas como dispensáveis. Como possibilidade para futuras pesquisas, indicamos investigações sobre como são os títulos em matérias de violência contra mulher.

Outra percepção provocada a partir dos enquadramentos é do conhecimento ainda raso dos/das profissionais sobre como se configura a violência contra a mulher. Ainda foram vistas notícias que reduzem a problemática a fim de relacionamentos e uma figura de mulher ainda relegada aos espaços privados. Estes resultados podem mostrar que as redações jornalísticas, apesar de cobrirem a violência contra a mulher cotidianamente, ainda possuem um despreparo para lidar com isso e carecem de conhecimentos mais aprofundados sobre a problemática. Isso se traduz em uma cobertura que não complexifica o fenômeno e que, por

vezes, levam a uma visão reducionista. São redações que escrevem sobre mulheres sem entender como se formam as relações de gênero e como estas interagem na sociedade, como bem aborda a literatura da temática, em grande maioria as matérias ainda são produzidas por um olhar masculino, seja porque a maior parte das editorias e figuras de comando nas redações são homens, ou quando há falas de especialistas se recorre à voz masculina. (Bastos & Souza, 2019; Gonçalves, Silva & Batista, 2019).

Ao observar os estudos da temática e os resultados aqui suscitados, e para que pesquisa não esteja apenas no âmbito de reportar contrariedades na abordagem jornalística sobre o tema, indica-se alguns caminhos para uma produção mais sensível à problemática: cuidado na elaboração de título sobre os casos, para que não soem apelativos, mas informativos; apresentar variedade no uso de fontes, principalmente especialistas que estejam dispostas a instruir as mulheres sobre o que fazer em casos de violência e checagem de falas de fontes, para que o discurso produzido nas matérias não reforcem uma narrativa de culpabilização da vítima ou reproduzam estereótipos.

Todavia, ainda que este estudo do conteúdo jornalístico possa revelar um breve indicativo de como se comporta a cobertura, uma pesquisa mais aprofundada, que considere o trabalho dos/das profissionais e a organização das redações, é importante para se fazer afirmações mais contundentes e oferecer uma visão mais completa sobre o problema.

Por fim, é importante ressaltar também que os resultados elencados aqui deixam claro que a cobertura jornalística sobre a mulher continua problemática e isso tem impacto social e político. A partir do momento que o jornalismo traz notícias rasas e sem a inclusão de uma discussão adequada sobre o gênero, ele não consegue prover aos leitores conhecimentos e argumentos suficientes sobre essa questão. Dessa forma, assuntos de interesse das mulheres são invisibilizados no debate público e a mídia contribui para uma disseminação de *frames* reducionistas, destacando a mulher apenas como uma personagem sem voz, e às vezes sem identidade, num lugar de violência.

Submetido em 15/07/2022

Aceito em 08/05/2023

* Este trabalho recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA - BM-06525/22) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - Finance Code: 001)

NOTES

^{1.} A Amazônia Legal é uma área que corresponde ao território da bacia Amazônica. Ela foi delimitada pelo Art. 20 da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007 e inclui 772 municípios dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins (Norte); Mato Grosso (Centro-Oeste); e Maranhão (Nordeste) (IBGE, [20--]).

^{2.} Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

^{3.} Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

^{4.} Relatório completo pode ser acessado aqui: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia-2021completo.pdf>.

^{5.} Última busca por artigos foi realizada em maio de 2023.

^{6.} “To frame is to select some aspects of unperceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described” (ENTMAN, 1993, p. 52).

^{7.} A inspiração da definição e conceituação de fontes para o livro de códigos parte da perspectiva de Schmitz (2011). Todavia, para o melhor entendimento dos modos de representação e construção de narrativa para este trabalho, adotou-se outras definições como: “vítima”, “acusado”, “familiar” e “personagem” que indicam a função destas fontes nas notícias sobre violência. Ressalta-se que não se pretende debater sobre conceituação de fontes, apenas elencar de forma mais ilustrativa os personagens de cada notícia analisada a partir do encontro com o *corpus* da pesquisa.

^{8.} Anteriormente, o livro de códigos também previa a contagem de parágrafos das matérias publicadas, com o intuito de perceber se havia um interesse no aprofundamento das matérias, entretanto, verificou-se que não existia um padrão de divisão de parágrafos e que esse dado se tornaria ambíguo.

^{9.} Ver: PC-AM esclarece sobre crime de violência psicológica e alerta como vítimas devem proceder (acritica.com)

^{10.} Ver: Delegada da Mulher vê crime em fantasia de goleiro Bruno; homem foi identificado (acritica.com)

^{11.} Ver: ‘É preciso que a mulher nunca perca a autoestima’, diz delegada sobre casos de violência contra a mulher (acritica.com)

^{12.} Ver: Delegada alerta sobre casos de importunação sexual (acritica.com)

^{13.} Ver: Conhecida por confrontar traficantes, mulher é assassinada na Zona Sul de Manaus (acritica.com)

^{14.} Ver: Amazonense vai comandar secretaria nacional de mulheres do Partido dos Trabalhadores (acritica.com)

^{15.} Ver: ‘Fui dopada, estuprada e ninguém fez nada’, afirma vítima de violência obstétrica em Itacoatiara (acritica.com)

^{16.} Ver: Mulher transexual é encontrada morta com as mãos amarradas | Diário de Cuiabá (diariodecuiaba.com.br)

^{17.} Ver: Mulher morre após ter o corpo incendiado por ex-marido (dol.com.br)

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bastos, M. D. & Souza, R. M. de. (2019). Os fundamentos sociais do patriarcado de mídia. *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 6(2), 53–69. doi: 10.5212/RevistaPautaGera.v6.i2.0004
- Belin, L. L. (2019). Das ruas para a mídia: o assassinato de uma mulher em situação de rua no Rio de Janeiro e seu enquadramento midiático. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(1), 133–144. doi:10.5007/1984-6924.2019v16n1p133.
- Costa, L. D. S. da. (2018). História por meio da imprensa: profissionalização do jornalismo em Cuiabá-MT. *Revista Escritas*, 10(1), 172–189. doi:10.20873/vol10n1pp172-189
- Entman, R. M. (1993). Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal Of Communication*, 43(4), 51–58. doi:10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x.
- Gatto, Y. R. & Soares, M. C. (2018). A mulher como algoz de seu próprio crime: enquadramento das notícias de estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro. *Revista Observatório*, 4(1), 517–543. doi:10.20873/ufu.2447-4266.2018v4n1p517.
- Gomes, L. S. (2018). *A cobertura jornalística da violência contra a mulher no Jornal do Tocantins*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Tocantins.
- Ghizzoni, M. (2013). Jornalismo regional como mediador social: uma análise de conteúdo. *Revista Vernáculo*, 32, 136–166. doi:10.5380/rv.v0i0.34438.
- Leal, P. M. V. (2007, maio). Jornalismo político brasileiro e a análise do enquadramento noticioso. In Anais do 2º. Encontro da COMPOLÍTICA, Belo Horizonte, MG.
- Leal, P. M. V. (2008, maio). Análise de Enquadramento Noticioso no Telejornalismo Brasileiro: divulgação jornalística dos dados da PNAD 2006. In Anais do Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação.
- Lucas, D. dos S. M. (2018). *Égua paid>égua, com infinitas léguas de tréguas: um estudo dos portais orm news e diário online*. [Tese de Doutorado]. Curso de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Massuchin, M. G., Tavares, C. Q. & Silva, G. A. (2020). O que a produção científica tem a nos dizer? Avanços, lacunas e novas perspectivas para as pesquisas sobre Jornalismo e Gênero. *Pauta Geral: Estudos em Jornalismo*, 7(1), 1–20. doi: 10.5212/RevistaPautaGera.v.7.14904.212.
- Miguel, K. G., Jara, T. M. & Souza, L. De. (2018). A COBERTURA JORNALÍSTICA DO CASO MAYARA AMARAL: reflexões sobre um feminicídio anunciado. *Comunicação & Inovação*, 19(40), 71–88. doi:10.13037/ci.vol19n40.5156.
- Miranda, C. M., Carvalho, C. A. de. (2022). Narrativas do feminicídio na Amazônia. *Revista Estudos Feministas*, 30(2), 1–10. doi:10.1590/1806-9584-2022v30n276976.
- Natansohn, L. G. & Brito, J. L. (2019). Feminicídio: a cobertura da Folha de S. Paulo a partir da Teoria do Enquadramento. *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 6(2), 70–89. doi:10.5212/RevistaPautaGera.v.6.i2.0005
- Peruzzo, C. N. K. (2005). Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, 26(43), 67–84. doi:10.15603/2175-7755/cs.v26n43p67-84.
- Pinto, P. (2013). Mídia regional: nem menor, nem maior, um elemento integrante do sistema midiático do Brasil. *C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual*, 29, 95–107. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36945>.
- Porto, M. P. (2004). Enquadramentos da Mídia e Política. In A. A. C. Rubim (Ed.), *Comunicação e política: conceitos e abordagens* (1ª. ed., pp. 73–104). Salvador: Edufba.
- Pozobon, R. De O. & Rodrigues, C. M. (2017). Jornalismo político e Zero Hora: o enquadramento das fontes sobre o governo Sartori. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 14(2), 150–161. doi:10.5007/1984-6924.2017v14n2p150.
- Reis, T. A. (2017). *A cultura nos diários maranhenses: uma análise editorial dos jornais O Estado Do Maranhão, O Imparcial, Pequeno e O Progresso*. [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- Rothberg, D. (2010). O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In R. Christofoletti (Org.), *Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo* (1ª. ed., pp. 53–68). Covilhã: Labcom Books.
- Sampaio, R. C. & Lycarião, D. (2021). *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*. Brasília: Enap.
- Sarmiento, R. (2019). Análise de enquadramento e epistemologia feminista: discutindo implicações metodológicas. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, 28(3), 97–117. doi:10.4322/tp.v28i3.760.
- Schmitz, A. A. (2011). *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook.
- Scott, J. (2019). Gênero: uma categoria útil par análise histórica. In H. B. de Hollanda (Org.), *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (1ª. ed., pp. 50–83). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Scremin, L. & Javorski, E. (2013). O enquadramento das notícias sobre os estrangeiros do Programa Mais Médicos. *Cadernos da Escola de Comunicação*, Edição Especial: Anais do IX Ciclo de Debates Sobre Jornalismo da UniBrasil, 1–15. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2021>.
- Silva, G. A., Sousa, M. De P. M. De, Sousa, N. N. De & Massuchin, M. G. (2018, dezembro). Gênero como tema de pesquisa: uma análise dos artigos publicados em revistas da comunicação. In Anais do XII Simpósio De Comunicação Da Região Tocantina, Imperatriz, MA.
- Silva, R. F. X. (2017). *Violência contra a mulher: análise de matérias no jornal do Tocantins*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/985>.
- Soares, M. C. (2006). Análise de Enquadramento. In J. Duarte & A. Barros (Eds.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2ª. ed., pp 2–17). São Paulo: Atlas.
- Soares, R. & Sarges, L. (2017). Jornalismo na Web: O caso Toca Restô Bar pelo Diário Online (DOL). *Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia*, 2(2), 1–25. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/puca/article/view/3343>.

Tavares, C. Q., Massuchin, M. G., Sousa, N. N. de., Silva, G. A. (2021). Comunicação e Gênero como área de pesquisa: características e desenvolvimento dos estudos a partir da análise bibliométrica. *Intercom*, 44(3), 83–102. doi:10.1590/1809-58442021305.

Tomás, L. M. N. (2019). *Manaus e o manauara na prática discursiva do jornal A Crítica*. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

APÊNDICE 1

LIVRO DE CÓDIGOS

Enquadramento da violência doméstica em jornais amazônicos

Id do site

Identificar o site analisado

Data

Data da publicação

Título

Título da matéria

Matéria se trata de um desdobramento?

CÓD.	TIPO
1	Sim
2	Não

Quantidade de fontes consultadas

Enumerar a quantidade de fontes usadas nas reportagens

Quantidade de mulheres consultadas

Enumerar a quantidade de fontes femininas usadas nas reportagens

Fontes presentes

Indicar presença (1) ou ausência (0) desse tipo de fontes

TIPO	DESCRIÇÃO
Oficial	Representante oficial do assunto da matéria
Especialista	Especialista no tema da matéria
Vítima	A fonte sofreu algum tipo de violência ou acidente
Acusado	Fonte consultada é a acusada de violência
Familiar	Fonte é consultada por ter parentescos familiares
Personagem	A fonte é apenas apresentada para personalizar a matéria e trazer proximidade com os leitores

Quantidade de parágrafos

Enumerar a quantidade parágrafos das reportagens

Enquadramento

Identificar presença (1) ou ausência (0)

TIPO	DESCRIÇÃO
Criminal	Matérias policiais que se atém apenas ao crime em si e seus desdobramentos
Legal	Matérias sobre políticas públicas
Estatístico	Matéria sobre estatística relacionadas à violência, desigualdade
Avanço	Matérias que destaquem avanços
Positivo	Matérias que destaquem mulheres sob um viés positivo
Fama	Matérias que destacam celebridades
Absurdo	Matérias que relatam coisas foram do “comum” envolvendo mulheres que não sejam crimes de feminicídio
Dramático	Matérias com enfoque mais sensacionalista e com teor dramático
Conscientização	Matérias com o intuito de promover conscientização sobre a violência contra mulher
Generificado	Matérias que incluem discussão de gênero, movimento das mulheres, direitos, etc.



Violência contra a mulher em jornais amazônicos: análise de enquadramento das notícias publicadas em 2021

Violences faites aux femmes dans les journaux amazoniens : une analyse de cadrage médiatiques en 2021

Amazonian newspapers' coverage of violence against women: a framing analysis of the news in 2021

Pt. A presente pesquisa se propõe a investigar o conteúdo e enquadramento das notícias que envolvem a temática da violência contra a mulher publicadas em sites de jornais da Amazônia Legal, no intuito de indicar quais são as características da produção sobre o tema em uma região onde os índices de violência são maiores do que a média nacional. Será que esses casos ganham repercussão midiática? E, quando ganham, de que maneira a violência contra a mulher é noticiada? Ressalta-se que, de acordo com Rayza Sarmiento (2019), os meios de comunicação são peças centrais para se entender as desigualdades de gênero que se estabelecem nas sociedades. Uma das formas de se estudar as representações de gênero nesta instância é por meio do enquadramento. Assim, esse estudo se debruça sobre os conceitos de jornalismo regional (Peruzzo, 2005), gênero (Scott, 2019) e enquadramento (Entman, 1993) para responder sua problemática. Tendo isso em conta, esta pesquisa desenvolve uma Análise de Conteúdo e de Enquadramento da produção de três portais regionais: A Crítica (Manaus – AM), Diário de Cuiabá (Cuiabá – MT) e Diário Online (Belém – PA). O corpus da pesquisa conta com 96 notícias no total publicadas nos sites dos jornais no ano de 2021. Os resultados obtidos demonstram que a cobertura feita pelos veículos é, majoritariamente, composta por matérias breves e sem aprofundamento, carregando ainda marcas problemáticas como a culpabilização da vítima, seguindo a tendência de cobertura nacional. Há ainda uma forte presença de recursos emocionais nas narrativas. Também foram vistas notícias que reduzem a problemática a fim de relacionamentos e uma figura de mulher ainda relegada aos espaços privados. Além disso, notícias com um enquadramento que demonstre uma sensibilidade de gênero são incipientes, mesmo em um contexto em que a violência contra a mulher se faz mais presente do que em outras regiões brasileiras.

Palavras-Chave: gênero; jornalismo ; enquadramento ; violência; mulheres

Fr. Cette étude vise à examiner le contenu et le cadrage des actualités touchant au thème des violences faites aux femmes publiées sur les sites web de journaux de la région d'Amazonie légale du Brésil, afin de mettre en évidence les caractéristiques de la production journalistique sur ce sujet dans une région où les taux de violence sont plus élevés que la moyenne nationale. Ces cas ont-ils des répercussions médiatiques ? Si oui, comment les violences à l'égard des femmes sont-elles traitées ? Comme le souligne Rayza Sarmiento (2019), les médias constituent des pièces maîtresses pour comprendre les inégalités de genre qui prévalent au sein des sociétés. L'une des façons d'étudier les représentations de genre est à travers le cadrage. Pour aborder ces questions, notre étude s'appuie sur les concepts de journalisme régional (Peruzzo, 2005), de genre (Scott, 2019) et de cadrage (Entman, 1993). Sur ces bases, nous avons développé une analyse de contenu et de cadrage de la production de trois portails d'information régionaux : A Crítica, de Manaus (Amazonas), Diário de Cuiabá, Cuiabá (Mato Grosso) et Diário Online, Belém (Pará). Notre corpus de recherche rassemble 96 articles d'actualité publiés en 2021 sur les sites web de ces journaux. Les résultats obtenus montrent que la couverture réalisée par ces médias correspond principalement à de courts articles, qui restent superficiels et présentent encore des aspects problématiques, comme le fait de culpabiliser les victimes, suivant en cela la tendance de la couverture nationale. Le recours à un registre émotionnel est également très fréquent dans ces récits. Certains articles réduisent ainsi la problématique des violences faites aux femmes au contexte particulier des ruptures amoureuses et continuent de reléguer les femmes dans l'espace privé. Les actualités présentant un cadrage sensible à la dimension du genre sont encore embryon-

naires, malgré un contexte où les violences à l'égard des femmes sont plus présentes que dans d'autres régions brésiliennes.

Mots-clés : genre ; journalisme ; cadrage ; violences ; femmes

En This research aims to examine the content and framing of news reports on the theme of violence against women published in online newspapers in the wider Amazon region (Amazonia Legal). The goal is to identify the characteristics of journalistic production on the topic in a region where the rates of violence are higher than the national average. Do these cases get media coverage? If so, how is violence against women represented? As Rayza Sarmiento (2019) points out, the media are pivotal to understanding the gender inequalities that prevail within societies. One approach to studying gender representations is through framing. To address these issues, our study draws on the concepts of regional journalism (Peruzzo, 2005), gender (Scott, 2019) and framing (Entman, 1993). On these grounds, we developed a content and framing analysis of the production of three regional news portals: A Crítica, from Manaus (Amazonas), Diário de Cuiabá, Cuiabá (Mato Grosso) and Diário Online, Belém (Pará). Our research corpus includes 96 news articles published in 2021 on the websites of these newspapers. The results reveal that the coverage provided by these media consists mainly of short articles, generally superficial and harboring problematic features, such as victim-blaming, in line with an existing trend in national coverage. The use of an emotional register is also very common in these stories. Some articles minimize the issue of violence against women to the specific context of romantic break-ups, and continue to relegate women to the private sphere. Gender-sensitive news framing is still in its infancy, despite a context where violence against women is more pervasive than in other Brazilian regions.

Keywords: gender; journalism; framing; violence; women